

A feminilidade na primeira tópica freudiana

Jéssica Samantha Lira da Costa

Orcid: [0000-0002-9030-8046](https://orcid.org/0000-0002-9030-8046)

Psicanalista

Doutora em Psicanálise – teoria e clínica, pela Universidade Federal do Pará / UFPA (Pará, Brasil)

Doutorado Sanduíche no programa de Psychanalyse et Psychopathologie da Université de Paris VII (Paris, França)

Professora da Faculdade Estácio de Belém (Pará, Brasil)

Diretora do Centro de Estudos Freudianos de Belém (Pará, Brasil)

Autora do livro “Macabéa, pobre Macabéa: desamparo e feminilidade no romance clariciano”

E-mail: jessica.s.lira@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo abordar a noção freudiana de feminilidade a partir das produções iniciais do referido autor, a assim chamada primeira tópica. A metodologia adotada na presente pesquisa consiste em uma pesquisa bibliográfica, sendo privilegiado o referencial teórico freudiano. O intuito do trabalho consiste em realizar uma apresentação e discussão cronológica a respeito das construções freudianas sobre feminilidade ao longo da sua obra, que vai desde textos pré-psicanalíticos até a textos da década de 20. A investigação visou demonstrar como Freud ia realizando sua construção conceitual atrelado à sua prática clínica. É imperioso notar que a construção da própria psicanálise está completamente atrelada ao encontro de Freud com o feminino. Convém destacar que a escolha dos textos da primeira tópica se deu não somente por sua importância teórico-conceitual, mas também pela invisibilidade que por vezes alguns desses textos sofrem na atualidade, fazendo com que uma incompreensão da teoria freudiana se alastre definitivamente. É necessário que um resgate das teses freudianas seja empreendido para que possamos realizar um reavivamento das origens da psicanálise e da obra freudiana.

Palavras-chave: Psicanálise; Feminilidade; Freud; Primeira Tópica; Sexualidade Feminina.

La féminité dans la première topique freudienne: Le présent travail vise à travailler la notion freudienne de féminité à partir des premières productions de Freud, qu’ on peut appeler la première topique. La méthodologie adoptée dans cette recherche consiste en une étude bibliographique, privilégiant le référentiel théorique freudien. Le but du travail est de réaliser une présentation et une discussion chronologique des constructions freudiennes sur la féminité tout au long de son œuvre, allant des textes pré-psychoanalytiques aux textes des années 20. L’investigation vise à démontrer comment Freud élaborait sa construction conceptuelle en lien avec sa pratique clinique. Il est impératif de noter que la construction de la psychanalyse elle-même est entièrement liée à la rencontre de Freud avec le féminin. Il faut souligner que le choix des textes de la première topique s’explique non seulement par leur importance théorique-conceptuelle, mais aussi par l’invisibilité que certains de ces textes peuvent parfois subir de nos jours, entraînant une incompréhension totale de la théorie freudienne. Il est nécessaire de revisiter les thèses freudiennes pour réaliser une revitalisation des origines de la psychanalyse et de son œuvre.

Mots clés: Psychanalyse; Féminité; Freud; Première topique; Sexualité féminine.

Feminity in freud’s first topography: The present work aims to address the Freudian notion of femininity based on his initial production, the so-called first topography. The method adopted in this research consists of a bibliographic study, focused on Freud’s theoretical framework. The purpose of the work is to provide a chronological presentation and discussion of his constructions regarding femininity throughout his work, ranging from pre-psychoanalytic texts to those of the 1920s. The investigation sought to demonstrate how Freud developed his conceptual framework in conjunction with his clinical practice. It is crucial to point out that the construction of psychoanalysis itself is closely linked to Freud’s encounter with the feminine. It is worth noting that the choice of texts from the first topography was made not only for their theoretical and conceptual importance but also due to the invisibility that some of these texts sometimes experience today, leading to a complete misunderstanding of Freudian theory. A rescue of Freud’s theses is necessary for a revival of psychoanalysis basic theory and Freud’s work to be undertaken.

Keywords: Psychoanalysis; Feminity; Freud; First topography; Female sexuality.

A feminilidade na primeira tópica freudiana

Jéssica Samantha Lira da Costa

Introdução

Certa vez um grande poeta, cujo nome agora foge à minha vaga memória, disse que desejava que o código Napoleônico não aprovasse o divórcio, pois, se assim o procedesse, seria o fim dos grandes romances do século XIX. Afinal, se olharmos rapidamente para os grandes romances do século XIX, nos depararemos com as Anna Kareninas, Madames Bovarys, Emmas, Jane Eyres, Capitús e tantas outras. Mas o que o divórcio teria a ver com tais clássicos? Na ironia do anônimo poeta, ele nos alerta para algo interessante: se prestarmos bem atenção na maior parte da (boa) literatura do século XIX, notaremos que se trata de mulheres que se casam idealizando uma vida romântica tal qual a que elas encontravam nos livros que liam e acabam se deparando com um tédio atroz da vida conjugal. Muitas buscando em amantes as grandes paixões dos romances e permanecendo insatisfeitas até os últimos dias.

Freud não se furtou de notar que algo dessa natureza ocorria com as pacientes até então silenciadas pela alcunha de *histéricas*. Mulheres que por vezes estavam frustradas, amarguradas, infelizes com casamentos sem amor e que inconscientemente expressavam seus conflitos através dos sintomas psicossomáticos. Dostoiévski já dizia: “a histeria é a salvação das mulheres”. Bem, certamente no século XIX poderia até ser, hoje temos outras possibilidades de manifestações de infelicidades (o que não significa que sejam muito melhores ou mais rebuscadas psiquicamente). Todavia, há uma lição patente em tais aproximações: que há um protagonismo do feminino nos conflitos psíquicos humanos, fazendo com que uma investigação mais acurada seja necessária.

Em 1933, em uma conferência intitulada *Feminilidade*, Freud (1933/1996o) dedica todo um ensaio para compreender do que se tratava tal fenômeno. Qual a sua importância e relevância? Sagaz como ele costumava ser, ainda afirma que se quiséssemos compreender com maior destreza deveríamos perguntar aos poetas. Bom, mais uma vez ele acertava. Mas dessa vez procurei investigar na própria obra freudiana as respostas para a questão da feminilidade. Do que se trata? Qual a importância para a obra freudiana e psicanalítica de modo geral? Entre outras questões.

Com isso, o presente artigo tem por objetivo dissertar acerca da noção de feminilidade na primeira tópica da teoria freudiana. De maneira que seja possível realizar uma revisão bibliográfica nas obras freudianas, a fim de que um entendimento teórico a respeito da noção supracitada seja efetivado. Por certo não é ação irrisória tentar produzir a respeito de algo que, de certa maneira, foi o precursor da teoria freudiana, ou seja, o feminino. Como, ainda hoje, após mais de um século de produções psicanalíticas, cogitar elaborar produções teóricas acerca deste tema? A resposta para tal indagação pode parecer ingênua, mas é concreta: o que faz com que a psicanálise continue resistindo – mesmo após um século – é o conflito do sujeito.

É este sujeito, que nos procura nos consultórios particulares ou nos serviços públicos, o principal “culpado” pela persistência psicanalítica. É ele quem nos confronta com questões que – apesar da vasta bibliografia psicanalítica existente – não conseguimos encontrar respostas prontas nos livros, artigos,

dissertações, teses outrora produzidas.

A partir deste momento abordarei alguns fatos que ocorreram na história da construção da psicanálise e que têm relação intrínseca com a questão do feminino. Optei por seguir um rastro cronológico para que a questão da sexualidade feminina (abordada por Freud) pudesse se fazer inteligível. Digo cronológico na medida em que fui atrás de cartas, textos, artigos, ensaios freudianos pré-psicanalíticos até os últimos escritos de Freud que tivessem relevante relação com a temática aqui pesquisada.

Posso com isso afirmar que, como um “quebra-cabeça”, tentei encontrar e montar “peças soltas”, a fim de buscar compreender na teoria freudiana o tão alarmado enigma feminino. Enigma este que, de certa maneira, faz parte até mesmo da história desta que vos escreve. O consolo que abrandava tal angústia (a do **não-saber** como desvendar o dito **enigma**) vem quando se descobre que a este fardo ninguém escapa!

Para trabalhar de maneira mais elaborada, tomo a liberdade de dividir a exposição dos dados bibliográficos freudianos em dois momentos. De maneira que inicio com textos pré-psicanalíticos, como enunciei que faria, e me estendo com textos que são formulados até meados de 1920/1996l – *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Sabendo que levar-se-á um espaço significativo para dissertar a respeito de tais questões na dita primeira tópica freudiana, optamos por encerrar a apresentação neste ponto, para que em um segundo momento, em um trabalho futuro, possa adentrar em textos engendrados a partir de 1923 e que se concluem por volta de 1937/1996q – *Análise terminável e interminável*.

Faço questão de delimitar estas articulações, pois são necessárias para situar o leitor e expor que, ao longo das formulações, ele poderá encontrar paradoxos teóricos, mas isso é justificável justamente porque há contrassensos temporais dentro da psicanálise freudiana. O que isto significa? Que os textos que aqui serão difundidos são parte de uma construção teórica. À medida que Freud ia apreendendo a partir de sua própria prática clínica, ele ia modificando ou voltando atrás em relação a teorias ora tidas como factuais.

Não nos esqueçamos de uma frase excessivamente disseminada em meios psicanalíticos, mas que comporta em si uma verdade que acompanha a própria construção e a própria verdade histórica da psicanálise: “eu não acredito mais na minha neurótica” (p. 95), disse Freud em 1897/1996d. A afirmação de Freud aponta para uma maneira de lidar com aquilo que se apresenta em um primeiro momento e que era tido como confiável. Ou seja, é necessário que haja cautela e profunda investigação, basicamente o que Freud realizou durante toda a sua existência e que permitiu que a psicanálise se afirmasse enquanto teoria e prática.

Antes de começar a traçar o trajeto que nos levará ao entendimento profícuo da temática central deste artigo, ou seja, à maneira como Freud discutia feminilidade na sua primeira tópica, gostaria de alertar (outra vez) ao leitor que abordarei, a seguir, conceitos que não se constituem como sinônimos teóricos do presente problema. Todavia, apesar de compreender que, quando falamos de **feminino**,

feminilidade e mulher, estamos lidando com conceitos únicos e distintos, nesta pesquisa, tomarei estes conceitos a fim de que eles auxiliem no entendimento da questão aqui proposta, ou seja, a temática da feminilidade.

Entendo que só conseguiremos atingir a apreensão do que trata o conceito de feminilidade na teoria freudiana se tomarmos como ponto de partida outros conceitos e outras teorias abordados por Freud. De modo que peço que, ao iniciarem a leitura do que se apresentará, entendam que este conceito é produto de uma elaboração que se estabelecerá futuramente.

Devo esclarecer, ainda, que decidi utilizar desde o princípio o termo **feminilidade** para abordar os mais diversos pontos da pesquisa. Faço isto para que fique explícito que é a partir deste ponto de chegada da teoria freudiana que pretendo dirigir as minhas investigações. De maneira que, quando o leitor se deparar, em um primeiro momento, com a utilização de termos e conceitos como **feminino**, **sexualidade feminina** ou **mulher** fique advertido de que tais conceitos são utilizados como suporte para o entendimento único e exclusivo da noção de **feminilidade**.

Primeiras articulações teóricas na psicanálise freudiana

Em 1888, Freud escreve um artigo intitulado *Histeria*, no qual remonta a origem do termo e o modo como era empregado em sua época. Freud (1888/1996a) sabidamente demonstra o engodo que vinha sendo propagado com o passar dos anos por aqueles que utilizavam o termo **histérica** para denominar aquilo que chamavam de **possuídas** ou até mesmo de **feiticeiras**.

Apesar de se tratar, por excelência, de um estudo em sua fase inicial – afinal, estamos falando de um ensaio de 1888, ou seja, antes mesmo da criação da psicanálise –, nele percebemos a preocupação freudiana com o incomum, com o estranho, não se adequando a discursos fáceis e biologizantes. Já em 1888, Freud nos demonstra sinais de que é preciso realizar o trabalho de um arqueólogo, ou seja, escavar e procurar a fundo para, só assim, tentar compreender as origens dos sintomas históricos.

Freud, por sua formação médica, apresenta-se intensamente descritivo neste ensaio, elencando sintomas físicos de maneira exaustiva. No quinto item do ensaio, quando descreve a sintomatologia histórica, ele prontamente contrapõe a paralisia histórica à orgânica. Com isto, faz com que novamente pensemos a respeito das distinções psíquicas dos fenômenos orgânicos. Muito embora Freud não cite isto categoricamente, podemos depreender esta posição inserida nas entrelinhas do artigo da seguinte forma:

As paralisias históricas não levam em conta a estrutura anatômica do sistema nervoso, a qual, conforme se sabe, evidencia-se da maneira mais inequívoca na distribuição das paralisias históricas que se possam equiparar às paralisias periféricas do fácil, do radical ou do denteado – isto é, que abrangem grupos de músculos ou de músculos e peles, agrupados segundo a

inervação anatômica comum. As paralisias histéricas só são comparáveis às paralisias corticais, porém se distinguem destas por múltiplos aspectos (Freud, 1888/1996a, p. 82).

Apesar da minúcia das descrições da sintomatologia física realizada por Freud, é imperioso que notemos que a todo instante ele tende para comentários do tipo: “Ademais, os sintomas histéricos mudam de uma forma que, de saída, exclui qualquer suspeita de lesão orgânica” (Freud, 1888/1996a, p. 84). O que Freud, tão precocemente, já estava nos alertando? Simples: o que afeta as histéricas não é da ordem do biológico pura e simplesmente. A origem do padecimento histérico é de outra instância e precisamos nos ater a ela. Pesquisemos!

E foi tudo o que Freud sempre se propôs a fazer. Ele nunca se acomodou com o **enigma** (seja ele qual for). Ele se dirigiu em busca de compreensões e acabou nos deixando infundáveis perguntas sem respostas. Para que nós, também, não nos acomodássemos com tudo o que ele produziu e buscássemos respostas e, sobretudo, de mais perguntas. Afinal, a esta época, Freud já tem noção do trabalho que encontrará pela frente e não se intimidou. Disse ele:

Juntamente com os sintomas físicos da histeria, pode-se observar toda uma série de distúrbios psíquicos nos quais, futuramente, serão sem dúvida encontrados as modificações características da histeria, mas cuja análise, até o momento, mal começou (Freud, 1888/1996a, p. 85).

Em tom quase profético, Freud nunca esteve tão certo e lúcido: mal havia começado. Assim, cinco anos mais tarde, lança, em parceria com seu amigo e contemporâneo Breuer, o famoso *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893/1996b), que, aliás, é tido por muitos como o trabalho fundador da psicanálise. Utilizarei algumas ponderações feitas por Freud neste ensaio, pois são essenciais para entendermos algumas postulações feitas posteriormente acerca da sexualidade feminina.

Temos aí uma compilação de importantes casos que foram atendidos por Freud e por Breuer e, juntamente com eles, o entendimento do porquê do surgimento da psicanálise como método de intervenção clínica. Se em *Histeria*, de 1888/1996a, Freud já esboçava sinais de um descontentamento com o método pragmático e **objetivista da** ciência médica, em *Estudos sobre a histeria* (1893/1996b) conseguimos entender melhor as ressonâncias daquele descontentamento de outrora.

A importância de um trabalho como os *Estudos* para a teoria psicanalítica é inquestionável. Na nota introdutória ao artigo, realizada por James Strachey, o autor afirma que o atendimento e o contato com essas primeiras pacientes – dentre elas, a tão famosa Anna O. – foram essenciais para a configuração posterior da técnica psicanalítica. A propósito, escritos como os *Estudos* são de suma importância para nos fazerem entender algo que ocorreu durante todo o processo de construção da psicanálise por Freud: o processo de construção e desconstrução de teorias e técnicas.

Outro dado relevante e que a presente investigação não poderia deixar de pontuar é precisamente o papel do feminino em todo esse processo (e um trabalho como os *Estudos* só faz com

que esse entendimento seja personificado). Neste sentido, as **mulheres de Freud** são um dado a parte que merece destaque: da fundamental figura materna às não menos importantes figuras das suas primeiras pacientes. Todas contribuíram – e muito! – para o êxito da psicanálise, seja aquela que o conferiu um *status* de filho predileto; seja aquela que pediu para ele se calar durante um atendimento, pois ele estava interrompendo a sua livre associação.

Muito do que é estudado no âmbito da sexualidade feminina em psicanálise o é em virtude da obra *Estudos Sobre a Histeria* (Freud, 1893/1996b). As publicações dos casos clínicos de Freud (não esquecendo, é claro, da importante participação de Breuer) são indubitavelmente **meritosas**. A título de exemplo, temos o caso de Katharina, no qual a jovem relata o sofrimento que vem padecendo e Freud prontamente lhe direciona perguntas a fim de investigar a origem de seu sofrimento. Notem aqui a maneira com a qual Freud realizou a anamnese:

- Freud: *Bem, e de que é que você sofre?*
- Katharina: *Sinto muita falta de ar. Nem sempre. Mas às vezes ela me apanha de tal forma que acho que vou ficar sufocada.*
- Freud: *Sente-se aqui. Como são as coisas quando você fica sem ar? (...) Quando você tem dessas crises, pensa em alguma coisa? E sempre a mesma coisa? Ou vê alguma coisa diante de você?*
- Katharina: *Sim. Sempre vejo um rosto medonho que me olha de uma maneira terrível, de modo que fico assustada* (Freud, 1893/1996b, pp. 151-152).

Percebam, nesses recortes pontuais que realizei do extenso diálogo de Freud com Katharina, o modo como ele direciona as suas indagações. Caso ele fosse regido inteiramente por sua formação médica não adentraria em meandros marcadamente subjetivos do histórico da paciente. Ele se **contentaria** em investigar as causas orgânicas do seu padecimento.

Como bem nos mostra Strachey novamente em nota introdutória, Freud, lá por volta de 1950[1895]/1996c, encontrava-se a meio caminho no processo de passar das explicações fisiológicas para as explicações psicológicas. Hoje sabemos que ele conseguiu realizar com êxito tal transição. À época, porém, foi duro e penoso para o jovem Freud. Como apresentarei em seguida, o autor descobre, a duras penas, que a sexualidade feminina está para além de questões meramente descritivas.

“Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses”, diz o pai da psicanálise, ressentido na hoje famosa *Carta 69* (Freud, 1897/1996d, p.195) ao seu amigo e correspondente Fliess. E acrescenta: “não acredito mais em minha neurótica”. Nesta carta do ano de 1897, Freud aborda o fato de que estava enganado quanto à sua teoria traumática da neurose e que se regozija de assim descobrir, pois, caso não tivesse se dado conta, poderia comprometer todo o seu trabalho posterior.

Na *Carta de número 71*, datada em 15 de outubro de 1897, o autor descobre e cita pela primeira vez algo que é universal: “verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas” (Freud, 1897/1996e, p. 316). E continua:

Sendo assim, podemos entender a força avassaladora do Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; (...) a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa na plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realização de sonho aqui transposta para a realidade com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual (Freud, 1897/1996e, p. 316).

Ou seja, vemos nessa carta a primeira apresentação explícita do complexo de Édipo. Gostaria de frisar que é necessário fazer esse levantamento de determinados momentos na obra freudiana ou de determinados conceitos, pois eles nos respaldam para a compreensão integral da questão da sexualidade feminina na obra freudiana.

Ao longo das explanações o leitor perceberá que existe toda uma cadeia de ligação que permite que conceitos até então não abordados ou obscuros no início da psicanálise possam ter sido discutidos posteriormente. Freud só conseguiu escrever uma conferência intitulada *Feminilidade* em 1933/1996o porque anteriormente já havia trabalhado incansavelmente em teorias que a suportam.

Dando seguimento, temos em 1898/1996f um artigo cujo título é *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Freud inicia o texto demonstrando a importância da sexualidade para a compreensão das neuroses, algo que até então era distante em seus escritos, não obstante ele viesse dando sinais de inquietação sobre a temática – tanto em pequenos comentários de ensaios anteriores quanto em suas correspondências com Fliess.

Na realidade, o intuito de Freud era alertar a classe médica de sua época. Um alerta importante, diga-se de passagem, tendo em vista a forma pudica com a qual tais profissionais tratavam de assuntos sexuais. Mas tal tentativa não passaria impune. Freud pagou um preço alto por tais atitudes, fora rotulado de charlatão naquela época e isso se manteve até os dias atuais. Afinal, como sustenta Roudinesco (2011): “ninguém toca impunemente no sexo, no segredo da intimidade, nos assuntos de família, na pulsão de morte e na barbárie dos regimes que escravizam mulheres, homossexuais, marginais e anormais sem pagar um preço alto por isso (p. 7)”.

Freud (1898/1996f) mostra que, no que tange à psicose, sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, o que, obviamente, elevou ainda mais a ira de seus detratores: erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; “segundo minha experiência, as crianças

são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas e também de muitas atividades somáticas (p. 266)“.

O imaginário dos grandes teóricos e médicos da época (logo no começo e antes das produções freudianas) era de que a histeria era profundamente enigmática (nesse sentido não estavam errados, a histeria é enigmática até hoje, somos sempre surpreendidos com o alcance que o sofrimento histérico é capaz de produzir). Por conseguinte, que não se podia fazer muito a respeito.

Por que Freud foi fundamental para que a ruptura metodológica se estabelecesse em relação a histeria? Porque ele possibilitou que elas tivessem voz! Freud levou em consideração a fala e o saber daquelas mulheres, algo inédito até então. Afinal, aquilo tudo não era encenação, como muitos alardeavam aos quatro cantos: aquilo era sofrimento psíquico grave e merecia ser entendido como tal.

Nesse sentido (do importante papel de Freud nessa ruptura), ênfase meu assombro quando ouço ou vejo insultos dirigidos a Freud, chamando-o de misógino, sexista, machista. Digo **assombro**, pois é como se essas pessoas, que desferem esses “atributos” nada agradáveis a Freud, se esquecessem ou desconhecêssem que ele, em detrimento de muitos outros, deu voz ao sofrimento feminino, ao sofrimento histérico. Freud, como bem mostra Poli (2007), fez com que fosse reconhecido o valor da palavra das ditas históricas.

Em tempos em que o indicado era que se trancafiassem tais mulheres ou simplesmente as rotulassem de **insanas** e **possuídas**, foi ele quem quis escutar o que elas precisavam dizer:

O fato é que também a psicanálise contribuiu para a legitimação do desejo de liberação das mulheres oprimidas. Reconhecer à histórica o valor de sua palavra, ato fundador da psicanálise, incidiu diretamente na autenticação das expressões do desejo sexual de metade da população, até então fadada a ocupar exclusivamente a posição de objeto do desejo masculino (Poli, 2007, p. 7).

A virada do século e os estudos sobre o feminino: A interpretação dos sonhos, os três ensaios e o caso Dora

Chegando em 1900/1996g temos preciosas contribuições, sobre a questão edipiana, dentro da obra mais conhecida de Freud: *A Interpretação dos Sonhos*. No capítulo V – item D – (B): *os sonhos com a morte de pessoas queridas*, Freud realiza valiosas ponderações acerca da teoria do complexo de Édipo. A bem da verdade, é a primeira vez que Freud aborda, de fato, o complexo de Édipo enquanto conceito.

Abro um pequeno espaço apenas para frisar que o conceito do complexo de Édipo se faz importante nesta passagem do artigo porque ele é um grande aliado para a compreensão da subjetividade feminina (e masculina, por óbvio). Afinal, é a partir da leitura do Édipo da menina que muitos autores retiram suas argumentações para a leitura do feminino.

As primeiras impressões deste ensaio já começam com a descrição dos sentimentos entre irmãos: ciúme, competitividade, inveja, raiva, etc. Sentimentos que fazem parte da relação e que perduram – mesmo que inconscientemente – durante toda a vida: "(...) muitas pessoas que hoje amam seus irmãos e que se sentiriam roubadas pela sua morte conservam em seu inconsciente desejos maus contra eles surgidos no passado e que podem se realizar em sonhos" (Freud, 1900/1996g, p. 273).

Depois de delimitada a explicação dos motivos que levam crianças a "desejarem" a morte de seus **concorrentes** - digo, irmãos - Freud se indaga e nos interpela sobre os motivos que levam as crianças a desejarem a morte de seus progenitores. Por que isso ocorre, tendo em vista que os progenitores são pessoas que as protegem e as amam incondicionalmente? Freud relata enfaticamente que sonhamos predominantemente com a morte daquele progenitor com o qual partilhamos o mesmo sexo. Dito de outro modo, os meninos sonham com a morte do pai e a menina com a da mãe (Freud, 1900/1996g).

A referência a esse texto específico de Freud se torna relevante para a pesquisa aqui realizada porque aqui se começa a levar prioritariamente a questão da sexualidade infantil a sério. Ao realizar algumas formulações que levam em consideração o nosso primeiro objeto de amor, por exemplo, Freud abre caminho para compreensões futuras acerca daquilo que chamam de **enigma feminino**.

Dando um salto cronológico, chegamos ao mais debatido, pesquisado e conhecido caso de Freud: o caso *Dora* (Freud, 1905/1996h). De maneira que inicio a referência a este caso afirmando que o seu reconhecimento é justo, tendo em vista que foi a partir dele que importantes conceitos e técnicas psicanalíticas foram postulados, inclusive o pilar da análise: a transferência.

Paul-Laurent Assoun, psicanalista francês, revela que a descoberta da noção de transferência se deu, primordialmente, por conta do caso Dora. E, para além desta importante questão, coube ao caso Dora o papel de denunciar a intrigante verdade de que o principal feito na vida de Freud, profissional e pessoal, a partir do contato com Dora, foi que nada havia mudado quanto a controvérsia entre Freud e a questão da feminilidade (Assoun, 1993).

O que podemos entender a partir do professor Assoun (1993) é que a intrínseca relação com a mulher não foi uma mera e remota oportunidade de aquisição de saber analítico, mas sim sua própria condição. Freud não se utilizou do caso Dora para dar vazão teórica e técnica à psicanálise. Ao contrário, o atendimento de Dora possibilitou que Freud compreendesse questões que até então eram tidas como irrelevantes. A coisa analítica está intrinsecamente associada à questão da feminilidade. E isso é alicerçado com o caso Dora.

E, já que citei a importância deste caso para o entendimento de um conceito basilar da técnica analítica – o de transferência –, gostaria de ressaltar também, como fizera Freud, a relevância da teoria dos sonhos para a compreensão não somente da teoria das neuroses, mas também acerca de toda a constituição psíquica dos sujeitos. Afinal, o aprofundamento nas questões concernentes aos sonhos é um pré-requisito fundamental para a assimilação dos processos psíquicos de maneira geral. Freud, inclusive, fez questão de deixar isso muito evidente quando alertou aos teóricos de sua época que eles

não menosprezassem tal teoria, apesar de ele saber que o novo é sempre fonte de resistência e assombro.

Dora é a mais conhecida das histéricas de Freud, assim como a mais rechaçada. Ferreira e Motta (2014) afirmam que o psiquiatra que atendeu Dora depois dela ter sido atendida por Freud, o Dr. Félix Deutsch, relatou em um artigo de 1957, cujo título era *Uma nota de pé de página ao trabalho de Freud "Fragmento da análise de um caso de histeria"*, que a morte de Ida (verdadeiro nome de Dora) foi uma espécie de dádiva para todos aqueles que tiveram o desprazer de conviver com ela. Dora, como conta o Dr. Félix, foi uma das histéricas mais insuportáveis que havia existido.

Deixando as referências e explicações do caso, de maneira geral, um pouco a parte, adentro nas contribuições que o caso nos auxilia quanto à questão da feminilidade. Dentre as questões que poderiam ser discutidas a respeito da problemática da feminilidade, me remeto a algo que está por trás do dilema central de Dora e que Freud, por questões que podem ser discutidas, deixou de levar em consideração. Dora, a todo instante, quer a resposta da sentença: o que é ser uma mulher? Ou até mesmo quer a resposta do enigma que ficou famoso e disseminado no imaginário popular: o que quer uma mulher? Dora, neste sentido, queria respostas!

A questão que atormenta Dora e que não a abandona é saber o que deseja uma mulher ou até mesmo como é ser uma mulher. À vista deste impasse, podemos entender o seu fascínio pela Senhora K, aquela que é desejada por todos, até mesmo pelo pai de Dora:

Muito mais que uma paixão, o que liga Dora à Sra. K. é uma questão: o que é ser uma mulher? É a partir dessa questão, encarnada na Sra. K., que Dora se situa em uma relação triangular. Todos, ou seja, ela, seu pai, e o Sr. K., idolatram a Sra. K. Dora, de certa forma, é condescendente com o assédio do Sr. K. Mas ela o esbofeteia quando ele lhe diz que a Sra. K. não é nada para ele (Ferreira & Motta, 2014, p. 22).

Partindo dessa citação, torna-se imperioso afirmar que Dora não suporta escutar que aquela a quem ela tem como um modelo identificatório, justamente por reunir traços que configurariam algum tipo de resposta para o seu próprio enigma, não seria relevante de alguma maneira para quem quer que fosse, inclusive para seu próprio marido. Pois é como se este fato refletisse na própria imagem de Dora e a tornasse irrelevante.

Mas o caso Dora nos é relevante para entender questões que compõem a teoria da feminilidade, que posteriormente será concretizada com Freud quando o autor escreve a *Conferência de XXXIII - Feminilidade* (1933/1996o). É aqui que entendemos com maior afinco as questões identificatórias e a incessante questão do desejo insatisfeito. Freud (1905/1996h) deu várias provas de que o conflito de Dora estava aquém do que era relatado superficialmente e que a questão, em si, não era objetivamente o pai. Freud mostra que, à época, não conseguiu enxergar o que Dora estava tentando lhe dizer, muito embora, em diversos momentos, ele aponte um caminho cuja interpretação mais elaborada poderia

levá-lo ao âmago do conflito. Na citação a seguir podemos constatar de que maneira o conflito se apresentava:

Mas no fundo da realidade, que me esforço por retratar aqui, a regra é a complicação dos motivos, a acumulação e a combinação das moções anímicas – em suma, a sobredeterminação. Por trás da sequência hiper valente de pensamentos que se ocupavam com as relações entre o pai de Dora e a Sra. K. ocultava-se, de fato, um impulso de ciúmes cujo objeto era essa mulher – ou seja, um impulso que só se poderia fundamentar numa inclinação para o mesmo sexo (Freud, 1905/1996h, p. 64).

Freud não utilizava as palavras de maneira aleatória: quando ele cita que **se esforça** por relatar a questão acima descrita, ele está demonstrando, de certa maneira, a sua dificuldade em adentrar os meandros do conflito homossexual de Dora. Conflito este, a bem dizer, que é recorrente na problemática não só da histeria, mas da feminilidade de maneira substancial, pois leva em consideração questões pertinentes à própria identificação feminina.

Aliás, o parágrafo que finaliza a descrição do quadro clínico de Dora nos remete a este importante ponto da discussão. Nele Freud (1905/1996h) aponta que o que atormentava Dora não era, em si, entender que o pai a havia sacrificado para que assim pudesse usufruir de sua relação extraconjugal. O sofrimento de Dora se dava porque ela invejava o pai por ele ter o amor da Sra. K, assim como ela não perdoava a Sra. K. por ter lhe “traído”, de certa maneira.

Talvez se Freud não estivesse tentando impor suas interpretações e conseguisse realmente ter os ouvidos abertos para o que Dora lhe relatava, principalmente sobre a sua estima pela Sra. K., pudéssemos ter um material mais conciso a respeito da temática da feminilidade. Dora imaginava que a Sra. K. tinha o que lhe faltava, apesar de não saber exatamente o que era. É por isso, penso agora, que Dora rebelou-se e esbofeteou o Sr. K. quando este disse que sua mulher não significava absolutamente nada para ele. Afinal, como ela, a portadora de todas as respostas para o enigma da feminilidade, poderia não significar alguma coisa?

Coloco aqui um contraponto pertinente para pensarmos o caso Dora: Freud não desconsiderou a relação da jovem com a própria mãe. Neste momento, Freud ainda não tinha noção da importância exercida pela figura materna perante Dora, muito embora Dora tenha dado pistas deste conflito psíquico quando colocou a mãe como figura central nos dois sonhos outrora descritos a Freud. Zalberg (2003) afirma que Freud não toma isso como material clínico importante, pois estava preso à sua primeira teoria edipiana, na qual o pai é o primeiro objeto de amor da menina. Veremos como isso mudará mais adiante.

Pois bem, seguindo em frente neste nosso breve histórico, no mesmo ano da publicação do caso Dora temos outra importante publicação: os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996i). Se no caso Dora Freud já vinha nos alertando sobre a necessidade de adentrar em

questões sexuais sem os pudores com os quais muitos profissionais da época frequentemente demonstravam, foi em os *Três Ensaios* que ele manifestou mais efusivamente o que vinha falando.

Os *Três Ensaios*, assim como a *Interpretação dos Sonhos*, simbolizam aquilo que talvez haja de mais expressivo no que concerne às contribuições freudianas para o pensamento da humanidade. Freud (1905/1996i) divide os *Três Ensaios* em, obviamente, três capítulos. Todavia, cada capítulo comporta diversos subtemas, o que faz com que as mais diversas noções e problemáticas sejam elaboradas e descritas. Sem contar que, como nos diz Strachey no prefácio da primeira edição, este foi – juntamente com *A Interpretação dos Sonhos* – o trabalho de Freud que mais conteve alterações, acréscimos e modificações:

Mas convém lembrar ainda que parte do conteúdo deste escrito – a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise (Strachey, 1996, in Freud, 1905/1996i, p. 126).

A precisa citação posta logo acima é importante não só por definir o que Freud enfrentou a vida inteira por ousar tocar naquilo que todos gostariam de deixar o mais escondido possível, mas também porque, por meio dela, torna-se possível estabelecermos uma ligação com a questão da própria sexualidade feminina. Talvez o maior entrave que Freud tenha encontrado em sua vida profissional (e pessoal) foi ter justamente mostrado que a sexualidade nos é inerente e que mulheres também desejam e não são meras reprodutoras. Nem citarei sua abordagem acerca da sexualidade infantil e da dita sexualidade dos chamados perversos, estas são polêmicas mais conhecidas. Opto por enfatizar outro ponto: Freud revelar o desejo feminino - ou melhor, escancarar para o mundo que mulheres são seres sexuais e desejantes.

Pois bem, devido à extensa e rica contribuição dos *Três Ensaios*, irei apenas abordar e citar pontos específicos e que são tidos como introdutórios do que posteriormente Freud abordará em textos como *A Organização Genital Infantil* (1923/1996m), *Algumas consequências psíquicas das diferenças sexuais anatômicas* (1925/1996n), *Sexualidade Feminina* (1931/1996) e *Feminilidade* (1933/1996o), entre outros que se configuram como textos basilares da temática que aqui abordo e que, como já informado anteriormente, trabalharei em outro trabalho futuramente.

No ponto em que começa a debater a questão do complexo de castração e da inveja do pênis, Freud (1905/1996i) mostra, de maneira contundente, como esta fantasia é apreendida por meninos e meninas. Tendo em vista que a tal suposição do órgão sexual idêntico em homens e mulheres era premissa básica de toda e qualquer criança, até que a mesma se depare com a realidade externa. Muito embora saibamos como esta descoberta afeta os meninos, é às meninas que Freud faz questão de mostrar a forma avassaladora com a qual esta descoberta funciona em seu psiquismo. Diz ele: "(...)

está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas conseqüências (Freud, 1905/1996i, p. 184)”.
É importante destacar este primeiro momento, no qual Freud aborda abertamente a questão da falta inerente, falta esta que faz com que as mulheres tomem um lugar privilegiado neste entorno. Esta questão será indubitavelmente mais bem apresentada e aproveitada no decorrer dos textos freudianos, mais precisamente a partir de 1923. Mas é este primeiro ensejo que nos permite entender, por exemplo, como a dinâmica do **tamponar a falta** funciona especificamente nas mulheres. O começo, apesar de superado e melhorado, é a possibilidade de ensejar novas articulações teóricas. E Freud fazia isso em demasia: ele superava a si próprio.

Isso posto, torna-se importante destacar que Freud (1905/1996i) faz questão de dissertar objetivamente acerca da diferenciação entre o homem e a mulher. Neste ponto, ele afirma que desde a infância uma preponderante diferenciação de caracteres se apresenta, como havia dito anteriormente, muito embora esta diferenciação só se afirme com a chegada da puberdade. E, de modo enfático, expõe que nenhuma outra configuração na vida humana é tida de maneira mais decisiva que essa. É ela que nos rege, que nos constitui.

Freud (1905/1996i) continua e pondera que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. Ele diz isso ao abordar de que maneira a sexualidade é expressa na puberdade e o faz, sobretudo, para tentar assemelhar **masculino de atividade e feminino de passividade**. Fiz questão de alardear esta questão, pois mostrei como Freud, com o passar dos anos, tende a complementar ou até mesmo mudar alguns pontos de sua teoria. Não abordarei neste exato momento, mas desde já digo que na *Conferência de XXXIII – Feminilidade*, Freud (1933/1996o) nos diz para que não façamos distinções que tomem o masculino como totalmente ativo e, por conseguinte, o feminino como totalmente passivo. Lá (em 1933), ele já terá constatado que esta equação não é exatamente precisa e completamente exata. Mas não apressemos este ponto.

De volta aos *Três Ensaio*s, na parte em que aborda as **zonas dominantes no homem e na mulher**, Freud (1905/1996i) já demarca algo que não sofrerá maiores alterações: o psicanalista diz que só o que pode – ainda – acrescentar é que nas meninas a zona erógena que predomina, sem sombra de dúvidas, é o clitóris. Este ponto nos é essencial, pois é nele que Freud já nos alerta onde devemos remexer para entender o processo de tornar-se mulher. Diz ele:

Quando se quer compreender a transformação da menina em mulher, é preciso acompanhar as vicissitudes posteriores dessa excitabilidade do clitóris. A puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingue-se na menina, por uma nova onda de recalçamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris. O que sucumbe ao recalçamento é uma parcela de sexualidade masculina (Freud, 1905/1996i, p. 208).

O que Freud estava nos dizendo aqui (e que voltará a abordar posteriormente) é que a chave para se entender a sexualidade feminina - e, principalmente, a maneira com a qual a mulher se posiciona frente à sua própria sexualidade, passando, assim, de menininha a mulher - é o modo como lida com essa zona erógena que é o clitóris. Ou, dito de maneira distinta, o que Freud nos mostrou foi que no "ato" de **tornar-se mulher**, faz-se imprescindível uma espécie de novo recalçamento, que subtrai parte da dita masculinidade infantil e habilita a mulher para trocar a zona genital, até então, dominante (Freud, 1905/1996i).

Textos quase esquecidos da primeira tópica

Em 1908, Freud escreve um breve artigo que, apesar do título que recebera: *Fantasia Históricas e sua Relação com a Bissexualidade*, traz como foco principal algo que já o atormentava em 1897, que é a questão das fantasias e a relação que elas apresentam com os sintomas que as pacientes sofriam. No artigo, Freud (1908/1996j) apresenta um olhar mais detalhado sobre o modo como estas fantasias se traduzem em sintomas, mais especificamente em sintomas histéricos. O que nos interessa pensar a partir deste trabalho é a maneira com a qual Freud (1908/1996j) articula a questão da fantasia e a sua representatividade. Apesar de o autor haver se limitado a entender este ponto à questão da neurose histérica, é possível associá-lo à temática da feminilidade. Muito embora a questão feminilidade não seja pertencente a uma neurose específica, não é incorreto assinalar que a histeria é grande aliada no entendimento da problemática feminina.

Ao escrever seu artigo, Freud (1908/1996j) apresenta que o que está em jogo quando lidamos com fantasias, que logo são transpostas em sintomas, é que há uma espécie de plasticidade da sexualidade, posto que a própria relação com a questão da bissexualidade aponta para este propósito. Este dado nos é importante para que possamos compreender as nuances da própria sexualidade feminina: "os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina (Freud, 1908/1996j, p. 153)".

Após essas elocubrações iniciais, cabe agora avançarmos rumo ao ano de 1918/1996k, quando Freud publica *O Tabu da virgindade*, artigo que é parte integrante dos ensaios que ele reservou para as ditas *Contribuições à Psicologia do Amor*. É interessante notar que, muito embora o artigo por inteiro seja regido por construções a respeito do modo como a questão da virgindade da mulher é supervalorizada socialmente em diversas sociedades, Freud começa afirmando que, para além da virgindade feminina se configurar como tabu, a mulher já é tida há tempos como tabu, pois nela há questões de cunho enigmático que deixam todos à mercê de explicações, decifrações e elucidações:

A mulher não é unicamente tabu em situações especiais decorrentes de sua vida sexual, tais como a menstruação, a gravidez, o parto e o puerpério; além dessas situações, as relações sexuais com mulheres estão sujeitas a restrições tão solenes e numerosas que temos muitas razões para duvidar da suposta liberdade sexual dos selvagens (Freud, 1918/1996k, p. 205).

Ou seja, a mulher, tal qual descrita por Freud, surge como figura ameaçadora justamente por conta de sua feminilidade. E esta feminilidade é tomada com um enigma irremediável e que abala tanto os observadores externos quanto aqueles que lidam com isso na própria pele, ou seja, nós – as partícipes deste véu turvo.

Não é mais segredo para ninguém que aquilo que diferencia homens e mulheres também – em muitos casos – os une. Freud (1918/1996k) aponta para o fato de que a mulher é diferente do homem e ela é e sempre será eternamente incompreensível e misteriosa, estranha; o que faz com que ela possa apresentar-se, aos olhos deste outro distinto, como um ser hostil. O homem teme, a todo instante, ser abatido pela mulher, teme ser contaminado por sua feminilidade e, desse modo, exhibe-se ele próprio como incompetente. Mas não esqueçamos que aquilo que consideramos distinto, diferente, também causa fascínio, daí a união entre sujeitos tão distintos.

Continuando com o texto de 1918, aqui Freud (1918/1996k) mais uma vez faz referência a conceitos que serão esmiuçados em um segundo momento, tais como **inveja do pênis** e **complexo de castração**. Freud demonstra que aquilo que apreendeu em diversas análises das ditas mulheres neuróticas se apresenta novamente aqui. Essas mulheres passam, em sua infância, por uma fase em que invejam nos irmãos o seu símbolo mais caro e que se configura como símbolo de masculinidade. E é neste momento, quando constatarem tal realidade, que são afetadas por um sentimento genuíno de humilhação. Durante essa fase, todavia, as meninhas não escondem o sentimento arrebatador de inveja ou hostilidade para com seus irmãozinhos. Freud (1918/1996k) relata, inclusive, que elas tentam até urinar de pé, como seus irmãos fazem, a fim de provar a tão almejada igualdade a que aspiram. Sem sucesso, obviamente.

Como último texto da primeira parte das elaborações teóricas do percurso freudiano acerca da sexualidade feminina, temos o artigo de 1920/1996l, cujo título é *A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo Numa Mulher*. Este artigo se revela importante porque é nele que Freud trabalha e considera com maior profundidade até então toda a questão da sexualidade nas mulheres. Ao mesmo tempo, foi a partir dele que Freud conduziu suas articulações com trabalhos posteriores como os de 1925/1996n (*Algumas Consequências Psíquicas das Diferenças Sexuais Anatômicas*), 1931/1996 (*Sexualidade Feminina*) e 1933/1996o (*Conferência XXXIII – Feminilidade*).

O artigo aborda o que estaria por trás da inclinação sexual de uma determinada moça rumo a pessoas do mesmo sexo. A jovem fora levada ao consultório de Freud por seu pai, pois ele desejava que a filha mudasse as suas inclinações sexuais e deixasse de andar em companhia de determinadas damas. É um texto indubitavelmente rico e que aponta, inclusive, respostas para determinados assuntos que estão sendo maciçamente proliferados na atualidade e que, apesar de não configurarem, em absoluto, como objetos de estudo da presente pesquisa, são temáticas que merecem um olhar reflexivo (por exemplo, a problemática da homossexualidade, e de que maneira profissionais da área psicológica, sobretudo psicanalistas, devem proceder quando recebem uma demanda impossível de ser atendida:

como fazer para dissipar impulsos sexuais por pessoas do mesmo sexo?). Freud (1920/1996), àquela época, já nos fornecia respostas para aquilo que ainda hoje, apesar de tantos supostos avanços, somos confrontados a todo instante nos consultórios particulares ou nos serviços públicos.

Voltando ao atendimento da jovem homossexual, Freud tentou entender as razões que levaram a moça a ter disposições sexuais pelo mesmo sexo. Com isto, dedicou-se a investigar – em um primeiro momento – a relação da moça com a sua própria mãe, pois notou que seria nesta relação que muito material psíquico poderia ser elaborado:

(...) a análise da jovem revelou, sem sombra de dúvida, que a amada era uma substituta de sua mãe. (...) a jovem que estamos considerando tinha, de modo geral, poucos motivos para sentir afeição pela mãe. A mãe, moça ainda, via na filha, que se desenvolvia rapidamente, uma competidora inconveniente; favorecia os filhos em detrimento dela, limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e o pai (Freud, 1920/1996, pp. 168-169).

Essa atenção que Freud (1920/1996) estende à relação da moça com a mãe é importante, pois o autor começa a apontar caminhos que serão dados como essenciais para o entendimento futuro da sexualidade feminina. Para além da importante relação da menina com o pai, há sobretudo a significativa relação da menina com a mãe. Neste caso, Freud (1920/1996) aponta que um dos motivos para a menina haver se rebelado e partido em direção a objetos do mesmo sexo foi o conflito psíquico que rondava a gravidez da mãe: “ora”, bradava o conflito inconsciente da moça, “eu é que devia estar gerando este filho, e não ela – a minha rival”.

É nesse sentido que, atormentada e abalada, a moça inconscientemente se afasta do pai e de todos os demais homens, direcionando a sua energia sexual e psíquica para outro objetivo. Ela agora buscava tomar a mãe como objeto de amor. Tal transformação fez com que ela partisse em busca de uma mãe substituta por quem pudesse atar-se apaixonadamente (Freud, 1920/1996).

Após as devidas investigações dos conflitos psíquicos que rondavam a relação da moça com sua mãe, Freud se deu conta de que as ressalvas daquela em relação ao pai também se configuravam como fecundo material de análise. A partir de tal constatação, Freud percebeu que não poderia continuar atendendo a jovem, pois se deu conta que, devido a questões transferenciais, havia uma hostilidade excessivamente latente e que ele, como médico da jovem, acabaria por ocupar o lugar que ela inconscientemente dedicava ao pai, fazendo com que o tratamento fosse prejudicado.

Freud (1920/1996) afirma que a moça trouxe consigo, desde os mais remotos anos, um **complexo de masculinidade** vigorosamente intensificado. Não tolerava, sob nenhuma hipótese, ser inferior ao irmão mais velho. Quando, à primeira vez, deparou-se com o órgão genital do irmão e o comparou com o seu próprio, desenvolveu uma violenta inveja do pênis, inveja esta que nunca abandonou:

[...] Era na realidade uma feminista; achava injusto que as meninas não gozassem da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral. Na ocasião da análise, as ideias de gravidez e parto eram-lhe desagradáveis, em parte, presumo, devido ao desfiguramento corporal a elas vinculados. Seu narcisismo de moça recorrera a essa defesa e deixara de expressar-se como orgulho por sua aparência (Freud, 1920/1996l, p. 180).

Tal dado se torna relevante, pois aponta para questões concernentes à própria constituição psíquica da mulher. Afinal, é a maneira com a qual a menina lidará com a constatação de que é anatomicamente faltosa que determinará o caminho que trilhará posteriormente. Neste sentido, Freud apontará mais adiante três caminhos possíveis em textos mais tardios, como *Sexualidade feminina* (1931/1996) e *Feminilidade* (1933/1996o). Todavia, encerrarei aqui as explicações.

Considerações finais

Tal como acompanhado pelo prezado leitor até aqui, é notório perceber que realizei uma linha cronológica de pensamento para apresentar a maneira como Freud abordou a temática da feminilidade em sua primeira tópica. O interesse em realizar esse aparato cronológico-conceitual se deu para que um resgate da teoria freudiana se desse e para que possamos compreender que as teorias (pós-freudianas) dentro do âmbito da psicanálise não surgiram de abstrações, mas sim de sérias investigações teóricas e técnicas iniciadas por Freud.

Estamos vendo hoje uma espécie de tentativa de degradação das teses freudianas a respeito da feminilidade, do feminino, da sexualidade feminina, por entenderem que seus posicionamentos são defasados e até mesmo ofensivos, o que demonstra que seus detratores sofrem de um anacronismo atroz e, também, de uma não compreensão técnica do legado freudiano. Com isso, resolvi resgatar o entendimento dos textos iniciais de Freud a respeito da temática supracitada, a fim de que possamos compreender a importância que tais referências proporcionam às construções subsequentes no campo psicanalítico

Se, neste momento inicial, trouxe textos que por vezes nem citados ou conhecidos são; no momento posterior, ou seja, na construção de um artigo futuro, planejo dar continuidade na apresentação cronológica da produção freudiana a respeito da feminilidade. Para que assim possamos ter fontes primárias confiáveis de entendimento acerca de um assunto tão importante para o nascimento da psicanálise, a saber: o *dark continente*, como bem nos diria Freud.

Referências Bibliográficas

- Assoun, P-L. (1993). Freud e a mulher. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
Ferreira, N. Motta, M. (2014). Histeria: o caso Dora. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

- Freud, S. (1996a). Histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 34-51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888)
- Freud, S. (1996b). Estudos Sobre a Histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 2-220). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S. (1996c). Projeto para uma Psicologia Científica. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 212-306). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996d). Carta 69. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 195-196). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1996e). Carta 71. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 198-200). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freud, S. (1996f). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 181-204). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1898)
- Freud, S. (1996g). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 4,5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996h). Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 13-146). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996i). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 77-181). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996j). Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 191-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996k). O Tabu da Virgindade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 135-155). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1996l). A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 202-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996m). A Organização Genital Infantil. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 125-129). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996n). Algumas consequências psíquicas das diferenças sexuais anatômicas. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 186-197). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)

- Freud, S. (1996o). Sexualidade Feminina. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 203-205). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (1996p). Conferência de XXXIII - Feminilidade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 151-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (1996q). Análise terminável e interminável. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 316-357). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Poli, M. C. (2007). *Feminino/Masculino: a diferença sexual em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Roudinesco, E. (2011). *Freud: mas por que tanto ódio?* Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Zalcborg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Editora Elsevier.

Citação/Citation: Costa, J. S. da. (mai. 2024 a out. 2024). A feminilidade na primeira tópica freudiana. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 125-143. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n38p125-143

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 07/03/2024 / 03/07/2024.

Aceito/ Accepted: 25/10/2024 / 10/25/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.